

6. Conclusão

Começamos este trabalho com entusiasmo, expectativas e muitas perguntas. O processo de pesquisa e redação não se deu em cor e tom abstratos, sem crises teológico-pastorais, sem dramas e dúvidas. Pelo contrário. Nem sempre as respostas foram encontradas na superfície, nem sempre as conexões facilitadas, nem sempre o paradoxo se permitiu decifrar e controlar. A paixão nos carregou. O Reino de Deus, que irrompeu de forma definitiva na pessoa e na obra de Jesus e vem a nós num caráter temporal multi-perpectívico, manteve em nós acesa a chama de se avançar nesta aventura. Por vezes, as consolações de um *já* ocorrido abençoaram e iluminaram de graça nosso descanso, nossas fraquezas, nossas limitações. Por vezes, o horizonte sensível e premente de um *ainda não* fortaleceu nosso espírito para seguir escrevendo, seguir trabalhando, seguir sonhando. Algumas de nossas suspeitas se provaram possíveis e prolíferas. Algumas de nossas perguntas foram acolhidas e devolvidas na investigação com alternativas altamente encorajadoras. Outras, encontraram apenas um silêncio, que pode ser frustrante, mas pode ser também saudável, porque legítima a busca e convida a seguir perseguindo. Estamos concluindo este trabalho com um vigoroso e satisfeito JÁ, com letras garrafais, para denotar nosso sentimento de realização, de dever cumprido, de crescimento e aprendizado. Estamos também finalizando o projeto com um AINDA NÃO robusto, com um ponto e vírgula, que deixa em aberto algumas conclusões, que solicita maiores esclarecimentos e que também aponta para novas perguntas que surgiram no decorrer das leituras e das reflexões.

Mas importa-nos nesta conclusão também revelar aspectos objetivos. Vamos a eles. Saímos em busca de um teólogo, Oscar Cullmann. Quem fora esse teuto-francês, professor da Basileia, com quem compartilhamos a mesma tradição cristã? O que fez? Que legado deixou? Cremos que conseguimos conhecê-lo melhor ao longo deste trabalho. Todos os capítulos contaram com seu aporte. Especialmente no terceiro e no quarto, pudemos comprovar a fama que lhe

concedem, muitos que o conhecem: um dos gigantes da teologia do século XX! Especialista em Novo Testamento, historiador, litúrgico, exegeta, ecumênico, profícuo, perspicaz. Cada uma dessas qualidades mereceria ser desenvolvida, e quem sabe nossa humilde difusão do seu trabalho possa motivar a que mais pesquisadores se lancem na tarefa de explorar estas e outras facetas do teólogo luterano. Destaco sua produção escrita impressionante, a qual só tocamos de leve, seu apreço pela teologia bíblica e valorização do texto Revelado, seu reconhecimento da história e seu espírito cooperativo de se fazer teologia e viver a fé. Além, claro, de seu insight *já e ainda não* escatológico.

Esse foi o nosso maior interesse. Fascínio gerado desde nossos mais primevos encontros com a escatologia, e nutrido pelas interações com os professores e a literatura da graduação e da pós-graduação. Também avaliamos como consideravelmente relevante as descobertas desta dissertação no que diz respeito ao paradoxo temporal. Longe da pretensão de dissecar o conceito ou esgotar suas alternativas, consideramos alguns resultados merecedores do compartilhamento. Chamamos à atenção para alguns aspectos:

Em primeiro lugar, a tensão *já e ainda não* se mostrou genuinamente *escriturística*. Tanto a revelação vétero como a neotestamentária endossam a articulação. No Antigo Testamento conhecemos um Deus agindo na história, valorizando as noções de tempo passado, presente e futuro e sinalizando por meio de tipos e amostras as dádivas maiores que estavam sendo preparadas. No Novo Testamento, o aspecto velado é removido. No ensino, nas ações e, especialmente na ressurreição, Cristo prova que o *eschaton* já começou, ainda que não o tenhamos em culminância.

Em segundo lugar, a tensão se demonstrou *histórica*. Ao longo da caminhada do povo de Deus e da reflexão teológica que decorreu das narrativas e eventos, a esperança em tensão se manteve viva. É bem verdade que sofreu polarizações violentas. Quase se perdeu em meio a extremismos pró-futurísticos ou contra-porvir. Mas, como um remanente fiel, a tensão sempre permaneceu, de alguma forma, preservada. Sempre voltou à tona, pelo menos. A expectativa dos primeiros cristãos nos parece mais concorde com um *já e ainda não* como anunciado e demonstrado por Cristo. A influência greco-romana na abordagem da *parusia* provocou estragos. Os *Novíssimos* não fizeram justiça ao Reino que *está aí*, e a escatologia *secularizada* moderna deu às costas para o que *vem por aí*.

Hoje, ainda vivemos tempos de efervescência, mas não podemos nos dar ao luxo de parar de nos deixar envolver com as perguntas do nosso tempo. E elas são inquietantes. Há uma espécie de *ressaca* na cultura. Como não cair em discursos reducionistas, mas seguir esperando e anunciando esperança para o *aquém* e para o *além* é um permanente desafio à nossa frente.

Em terceiro lugar, o *já e ainda não* se comprovou *polivalente*. Vimos como ele foi enunciado, de certa forma, antes de Cullmann, e principalmente depois dele. Cremos que ficou suficientemente comprovada a tese de que esse axioma não é um clássico na teologia nos dias de hoje, porque soa bem ou é simpático. Antes, são as tantas e tão pesadas validações na teologia que apontam o indício de que o caminho de se expressar a esperança cristã e enxergar o Reino de Deus passa pela afirmação e desenvolvimento desta tensão.

E por último, para nossa maior grato regozijo, esse *já e ainda não* basileico, como interpretado na teologia de Cullmann, se apresenta como originalmente *missional*. Nossa chave de leitura foi posta para exercitar sua capacidade de interação com a missão de Deus/da Igreja, e não decepcionou. Suas implicações foram evidenciadas. Possibilidades caras à teologia e necessárias para o campo missional aforaram à medida que a tensão escatológica gerava novas tensões, que qualificavam substancialmente o querigma e a atitude da Igreja que vai ao mundo testemunhar o amor de Deus, revelado em Cristo Jesus.

Resulta para nós a viabilidade e a fertilidade deste *já e ainda não*. Pretendemos continuar fazendo abundante uso dessa índole escatológica, tanto na paróquia, como na academia, provando seus limites, esmiuçando seus recursos.

Resulta para nós o *consolo* e o *desafio* pessoal que este *já e ainda não* nos concede e impõe. Não temos a ilusão de geri-lo, nem mesmo entendê-lo. Quando pensamos em termos de *já*, o *ainda não* nos surpreende... e alenta. Aleluia! Quando sonhamos com o *ainda não*, o *já* nos constrange... e compromete. Senhor, tem misericórdia! E caminhando na tensão, oramos, venha o Teu reino!

Ele virá...

Ele já veio!